

O uso de estudos de caso nas aulas de cursos profissionalizantes

Victor Carreão*

Resumo

O presente artigo visa mostrar a percepção dos alunos de cursos profissionalizantes em relação aos estudos de caso, abordados em sala de aula, através de discussões em grupo acerca do tema. Tidos como uma forma de simulação de situações reais, os estudos de caso ajudam a introduzir o aluno no universo da matéria abordada e auxilia no treino a tomada de decisões. Também conta com uma pesquisa bibliográfica mostrando a importância da educação profissional e como os alunos acreditam que essa educação vai ajudá-los em suas trajetórias profissionais.

Palavras-chave: estudo de caso, curso profissionalizante, educação, franquias.

Abstract

This article aims on showing the perception of students in using case studies in professional development courses through group discussions. Known as a simulation form of real situations, case studies help students to better experience the universe of the course's subjects and the decision making process. It also presents a literature research pointing the importance of professional development courses and students' thoughts in how this sort of education will support them in a long-range professional career.

Key-words: case study, professional development, education, franchising.

1. Introdução

A Lei de Diretrizes Básicas a Educação (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) diz respeito às diretrizes adotadas pelos órgãos governamentais para as políticas públicas em educação. De forma a melhor definir os cursos profissionalizantes, temos como destaque:

“Art. 39º. A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.

Parágrafo único. O aluno matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior, bem como o trabalhador em geral, jovem ou adulto, contará com a possibilidade de acesso à educação profissional.

Art. 40º. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho”. (BRASIL, 1996 pg. 18))

* Pós-graduando em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas. Professor de cursos profissionalizantes na área de Administração. E-mail: vcarreao@yahoo.com.br

Por tratarem-se de cursos voltados ao desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva, há a necessidade de conhecer e adquirir as principais competências profissionais por parte dos alunos. De acordo com Nomeriano (2007) essas competências consistem na mobilização, por parte do trabalhador, de valores, conhecimentos e habilidade para a resolução de problemas tanto rotineiros quanto inusitados no campo profissional. Em contextos socioeconômicos tão instáveis, o desenvolvimento de competências profissionais proporcionaria condições de laboralidade ao trabalhador.

Gomes e Marins (2003) defendem a importância do desenvolvimento de competências por conta da necessidade em aprender as novas maneiras de trabalhar, com habilidades tecnológicas e gerenciais, de forma a nos melhor adequarmos à nova forma de realizar o trabalho. Para tanto, a construção da competência na educação de forma crítica, política e com espírito investigativo, conduz o aluno ao hábito de pesquisa, na busca do avanço do conhecimento.

1.1 A importância dos cursos profissionalizantes

Os processos educacionais devem ser analisados sob a condição de trazer retorno à comunidade. Dessa forma, o desenvolvimento profissional dos alunos e o desenvolvimento econômico ou social da região são fatores importantes a serem considerados quando é feita uma análise de cursos profissionalizantes.

1.1.1 Para os jovens brasileiros

De acordo com pesquisa realizada pela empresa “Box1824”, junto a jovens de 18 a 24 anos, os sonhos individuais da juventude brasileira encontram-se na seguinte classificação:

Tabela 01: Sonhos dos jovens brasileiros

Formação profissional e emprego	55%
Casa própria	15%
Dinheiro	09%
Família	06%
Carro/Moto/Eletrrodomésticos	03%
Total de entrevistados	1784

Fonte: Adaptado de: Box1824 (pgs. 28 e 62).

A pesquisa mostra que mais que a metade dos jovens entrevistados tem como prioridade alcançar uma boa formação profissional e, conseqüentemente, um bom emprego. A partir desses quesitos é possível atingir os outros sonhos apresentados na Tabela 01.

1.2 Crescimento das franquias de cursos profissionalizantes no país

Como apontado pela *Lei de Diretrizes Básicas a Educação*, um dos principais agentes que oferecem cursos de educação profissional são escolas profissionalizantes. As mesmas são encontradas muitas vezes sobre a forma de “franquias de ensino” ou *franchising*, como diz o termo em inglês. Vale lembrar que o foco desse trabalho encontra-se sob os cursos profissionalizantes oferecidos por essas franquias de ensino.

Plá (pág. 17, 2001) define *franchising* como “um sistema de distribuição de produtos, tecnologia e/ou serviços”. Ainda de acordo com Plá (2001), os principais agentes que interagem entre si dentro do *franchising* são:

- Franqueador: é a empresa detentora de uma marca que idealiza um sistema que fornece a marca e o know-how de seu negócio a uma pessoa jurídica (franqueado), que paga para utilizar essa expertise.
- Franquia: é a unidade na qual o franqueado opera para reproduzir a operação do franqueador. Muitas vezes, a palavra franquia também é usada como sinônimo de *franchising*.
- Franqueado: é a pessoa física ou jurídica que paga ao franqueador para aderir à rede de franquia e operar o seu próprio empreendimento, que tem todo o formato do negócio do franqueador (marca conhecida e know-how), operação e tecnologia já testados e aprovados.

Segundo a Associação Brasileira de *Franchising* (2011) os tipos de franquias em operação no Brasil são:

1. Acessórios Pessoais e Calçados
2. Alimentação
3. Bares, Restaurantes e Pizzarias
4. Bebidas, Cafês, Doces e Salgados
5. Beleza, Saúde e Produtos Naturais
6. Comunicação, Informática e Eletrônicos
7. Construção e Imobiliárias
8. Cosméticos e Perfumaria
9. Educação e Treinamento
10. Entretenimento, Brinquedos e Lazer
11. Escolas de Idiomas
12. Fotografia, Gráficas e Sinalização
13. Hotelaria e Turismo
14. Limpeza e Conservação
15. Livrarias e Papelarias
16. Móveis, Decoração e Presentes
17. Negócios, Serviços e Conveniência
18. Ramos do Segmento Negócios, Serviços e Conveniência
19. Conveniências e Mercados
20. Produtos e Sistemas de Segurança
21. Produtos e Serviços
22. Serviços e Produtos Especializados
23. Serviços Especializados
24. Software e Serviços
25. Loja de Conveniência
26. Serviços Financeiros
27. Transporte e Distribuição de Produtos
28. Locação de Roupas
29. Serviços Automotivos
30. Vestuário

Em relação ao tópico 09, educação e treinamento, abordado nesse artigo, temos como principais dados:

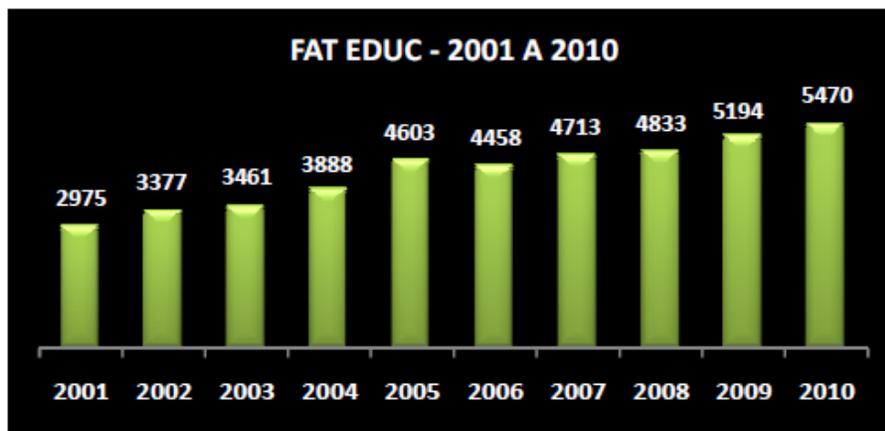


Gráfico 01 – Faturamento das franquias de educação pelos anos (em bilhões de R\$).
 Fonte: Associação brasileira de *Franchising* (2011)

Desde 2001 as franquias de ensino vêm aumentando seu faturamento. Os investimentos em infraestrutura, tais como a abertura de novas franquias e a instalação de novas unidades em diferentes locais, são fatores que auxiliaram o aumento do valor arrecadado. A evolução do número de franquias pode ser acompanhada nos gráficos 02 e 03, situados abaixo.

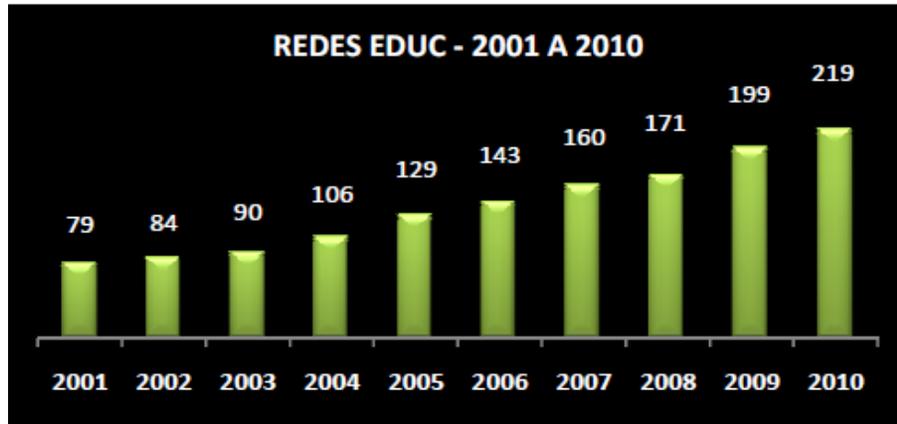


Gráfico 02 –Evolução do número de redes das franquias de educação pelos anos.
 Fonte: Associação brasileira de *Franchising* (2011)

O número de redes de ensino por franquias quase triplicou se comparados os anos de 2001 e 2010. A inovação tecnológica é um dos fatores que permitiu a realização da abertura de novas redes. Ferramentas *on-line* permitem a criação de novas metodologias de ensino, bem como maior customização dos cursos.

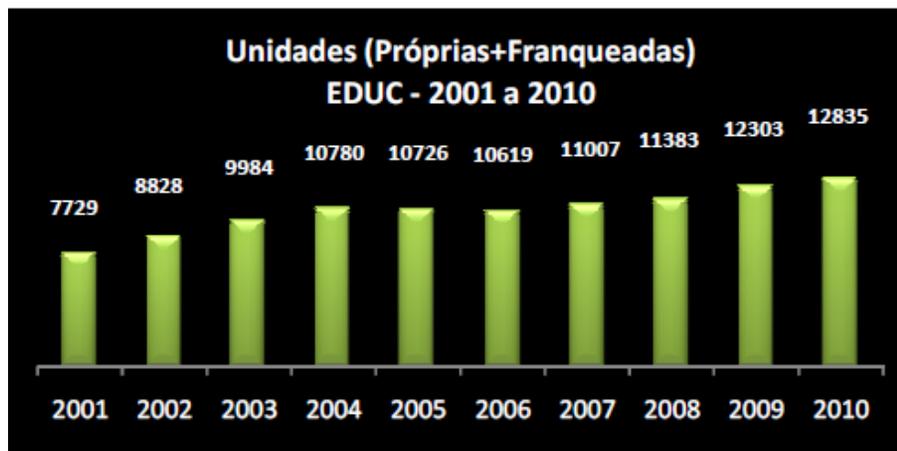


Gráfico 03 –Evolução do número de unidades das franquias de educação pelos anos.
 Fonte: Associação brasileira de *Franchising* (2011)

O suporte dado ao franqueado por parte do franqueador permite que novas unidades de negócio sejam abertas com a utilização de um número menor de recursos. A franquia recebe o auxílio necessário e pode ser lançada ao mercado rapidamente devido às praticidades geradas pelo franqueador.

Os dados acima comprovam que uma atenção especial deve ser dada às práticas pedagógicas dentro dos cursos profissionalizantes uma vez que o retorno gerado por eles encontra-se em crescimento. A retenção de alunos nesses cursos também pode ser vista como interesse em aprender e desenvolver melhor as competências profissionais tão requisitadas no mercado de trabalho.

1.3 A simulação como ferramenta de apoio ao ensino

Estudos de caso podem ser considerados simulações. Para Accioly (2010), as vantagens de experimentar um modelo de simulação, computacional ou não, estão relacionadas a prever situações, a agendar tarefas e até mesmo a proporcionar entretenimento. Como definição de estudo de caso temos que: “é o estudo específico, concentrado, amplo e detalhado de um caso. Utiliza-se esse tipo de pesquisa quando o pesquisador quer aprofundar seus estudos enfatizando um único assunto. Quando se trata da contabilidade, geralmente, aplica-se o estudo de caso em empresas” (LOPES, 2006 pg. 119).

Formosinho e Kishimoto (2002) apontam que a definição de um estudo de caso representa entrar na dificuldade da definição de conceitos polissêmicos, muito presente nas ciências humanas e sociais. Completando a ideia, "o estudo de caso constitui um exame detalhado sobre algo que se inicia a partir do momento em que emerge uma situação não esclarecida, é uma análise completa e intensiva de um assunto que acontece no tempo e num determinado espaço geográfico" (MERRIAN *apud* FONTES, 1988, pg. 140). É interessante utilizar ferramentas como a simulação de forma a melhor preparar os alunos para possíveis problemas que requeiram uma visão sistêmica da situação, estudos de caso podem englobar os fatores necessários a serem avaliados em um caso desses.

2. Pesquisa de campo - Metodologia

O foco da pesquisa aqui apresentada foi analisar o ponto de vista dos alunos de cursos profissionalizantes que utilizam estudos de caso no decorrer das aulas como forma de simulação para melhorar a prática das tomadas de decisões.

De forma a obter os dados para a pesquisa, foram realizadas duas sessões de discussões com grupos de alunos de cursos profissionalizantes. Para Lopes *et al* (2002) o grupo de discussão é uma entrevista coletiva não-estruturada e consiste em provocar um debate que se alimenta da convergência e do conflito de opiniões dos participantes. Dessa forma a opinião dos alunos acerca do assunto poderia ser levantada e analisada da melhor forma. Os pontos abordados pelas discussões foram:

- A área do curso;
- A percepção dos alunos em relação à compatibilidade dos estudos de caso com o conteúdo apresentado em sala e em situações do mundo real, como o trabalho de cada um;
- Os pontos positivos do uso dos estudos em sala;
- Os pontos que poderiam ser melhorados em relação aos estudos de caso.

2.1 Dados da pesquisa

Foram entrevistados dois grupos de alunos, com seis alunos cada, do curso de *administração* e do curso de *logística empresarial*. Em ambos os grupos houve consenso em relação à *compatibilidade dos pontos tratados nos estudos de caso e a matéria abordada em sala de aula*. O estudo de caso serviria como uma forma de praticar os conceitos adquiridos durante a aula, uma forma de colocá-los dentro de um caso real que permitisse aos alunos uma análise mais profunda e permitisse a prática dos processos de tomada de decisão, em grupo ou individualmente.

Os entrevistados levantaram diferentes pontos que comprovam a importância dos estudos de caso como exercícios de fixação de conteúdos. O motivo mais comentado foi a questão de muitos conceitos serem explanados com uma linguagem técnica, o que nem sempre tornava claro seu uso. Com o uso dos exercícios os conceitos eram melhor visualizados pelos alunos bem como situações e processos relacionados a cada um deles. Outros alunos alegaram melhor entender a matéria quando fazem algum tipo de exercício relacionado a ela. Esse fator pode estar ligado ao canal de aprendizagem dominante de cada aluno, como explicado por Metts (1997), onde existem três tipos de estudantes:

- O estudante visual aprende principalmente vendo o que está sendo aprendido.
- O estudante auditivo aprende ouvindo. Como grande parte do ensino ocorre por meio da audição, este estudante se adapta bem ao formato de aula no estilo de conferência.
- O estudante sinestésico aprende interagindo fisicamente com o material a ser aprendido. A fim de aprender, precisa se movimentar de alguma forma.

Em relação à *compatibilidade em relação ao mundo real*, como o ambiente de trabalho dos entrevistados, os dois grupos entrevistados concordaram que os estudos realizados em sala de aula acabaram por auxiliar no entendimento de certas decisões tomadas em seus locais de trabalho e sobre suas práticas em grandes empresas. Vale lembrar que o estudo de caso pode focar diferentes áreas de mercado, o que permite ressaltar as diferenças entre as empresas e suas formas de organização processuais.

Os fatores apontados pelos grupos, que mostram a conexão entre o mercado de trabalho e as simulações feitas em aula, mostram que a comparação entre os estudos de caso e situações por eles vivenciadas dentro de seus ambientes de trabalho são similares na maioria das vezes. Ressaltaram também que pode ser feita uma ligação entre as notícias jornalísticas sobre empresas e os estudos, dessa forma estes exercícios também os deixariam interessados sobre o que vem ocorrendo no mercado de trabalho.

Os pontos positivos apontados foram:

- Aquisição de novo vocabulário;
- Melhor desenvolvimento de conceitos;
- Treino de interpretação de texto e ajuda no desenvolvimento de raciocínio;
- Abordagem de temas atuais.

Os possíveis *pontos de melhoria* para os estudos de caso foram:

- Emprego de um vocabulário menos técnico para melhor entendimento;
- Ampliação da dinâmica entre os alunos na resolução dos casos;
- Mais tempo disponível para resolução e desenvolvimento de ideias;
- Uso de textos menos extensos;

Os alunos concordam que, embora um ponto de melhoria seja o “*emprego de um vocabulário menos técnico para melhor entendimento*”, este coopera com a aprendizagem de novos termos, que podem gerar um diferencial profissional a eles quando forem avaliados pelo mercado de trabalho. Em relação à questão do tempo, sua disponibilidade diferia conforme a extensão do estudo de caso e o assunto abordado em aula. Parte dos alunos sentia-se confortável com o tempo e extensão do texto, porém, outros sentiam que poderia haver mais tempo disponível ou menos exercícios relacionados ao estudo de caso.

3. Considerações finais

Sumarizando os dados aqui apresentados em relação à pesquisa sobre estudos de caso e suas práticas em sala de aula nos cursos profissionalizantes:

Tabela 02: Resumo dos dados apresentados

Pontos Fortes	Possíveis melhorias
Aprendizado de novos vocabulários	Textos menos técnicos
Treino de interpretação de textos	Estudos muito extensos
Abordagem de temas atuais	Temas relacionados ao cotidiano dos alunos
Melhor compreensão de conceitos	Mais tempo para debates em sala de aula

Fonte: Elaborado pelo autor.

Justificando a importância da interação entre alunos na sala de aula, bem como a relevância de suas participações em pesquisas de melhoria nas práticas de ensino, pode-se ressaltar que:

“Os processos educacionais, bem como as relações sociais que se estabelecem na escola, não são apenas formadores mais eficientes de novas qualificações ou do desenvolvimento de competências. Eles desempenham a construção de nova cultura, centrada em valores e objetivos da dinâmica de produção e do consumo” (SANTOS, 2010, pg. 101).

Pode-se observar que após o contato com novos conceitos existe a necessidade por parte do aluno de praticá-los. A melhor forma é associar esses à métodos onde existam a análise do conceito em si, a percepção do problema e o cruzamento entre essas duas ideias. Dessa forma, o aluno estimulará o desenvolvimento das competências pedidas pelo mercado de trabalho.

O propósito deste trabalho foi de analisar a opinião dos alunos em relação às simulações feitas em sala de aula por meio dos estudos de caso. É interessante observar o

seu ponto de vista uma vez que possíveis melhorias podem surgir de sugestões partidas deles. Como apontado nos pontos positivos, o aprendizado de novas palavras, técnicas ou não, é um fator importante para gerar um diferencial no perfil profissional de cada um. Existe um melhor preparo para as disputadas oportunidades do mercado de trabalho quando o candidato está familiarizado com termos de sua área de atuação e também quando está mais confortável com possíveis interpretações de cenário, algo muito presente em administração de empresas, onde analistas devem prever diferentes cenários frente a qualquer mudança.

A aplicação do questionário a docentes dessa modalidade de ensino e o cruzamento das informações obtidas com as presentes nesse artigo ficam como sugestões para trabalhos futuros. Dessa forma, é possível explorar os estudos de caso ao máximo dentro das expectativas dos alunos.

4. Referências bibliográficas

ACCIOLY, Maria Inês. **Isto é simulação: A estratégia do efeito de real**. E-papers. Rio de Janeiro, 2010.

Associação brasileira de Franchising . **Desempenho do setor por segmento**. Disponível em: <http://www.portaldofranchising.com.br/site/content/interna/index.asp?codA=11&codC=4&origem=sobreosetor>. Acesso em 28/12/2011 as 13:22.

Box1824. **Projeto Sonho Brasileiro**. Disponível em: <http://pesquisa.oseonhobrasileiro.com.br/indexn.php>. Acesso em: 20/03/2012 as 19:38.

FORMOSINHO, Júlia Oliveira e KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Formação em contexto: uma estratégia de integração**. Ed. Thomson Learning Ltda. São Paulo, 2002.

FONTES da Costa Carvalho, Maria Alcínia. **Formação de professores em educação de adultos. Estudo de caso: o ensino recorrente na escola secundária rodrigues de freitas (tese de doutoramento)**. Univ Santiago de Compostela, 2007.

GOMES, Heloisa Maria e MARINS, Hiloko Ogihara. **A ação docente na educação profissional**. Ed. Senac. São Paulo, 2003. pg. 66 e pg. 161

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas**. Ed. Universitária da UFPE. Recife, 2006.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo, BORELLI Silvia Helena Simões, RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. Summus, São Paulo, 2002.

METTS, Ralph E. **Inácio sabia**. Ed. Loyola - São Paulo, 1997.

NOMERIANO, Aline Soares. **A educação do trabalhador, a pedagogia das competências e a crítica marxista**. EDUFAL. Maceió, 2007. pg. 59

PLÁ, Daniel. **Tudo sobre franchising**. Senac. Rio de Janeiro, 2001.

SANTOS, Jurandir dos. **Educação profissional & práticas de avaliação**. São Paulo, Ed. Senac São Paulo, 2010.